

**FEZ**  
**ELITE**  
PRÉ-VESTIBULAR  
c a m p i n a s

**Aprovou!**

**ELITE**  
**Resolve**

**UNICAMP - 2017**

**2ª Fase**

**Português e Redação**

**[www.elitecampinas.com.br](http://www.elitecampinas.com.br)**

**OS MELHORES GABARITOS DA INTERNET**

**LÍNGUA PORTUGUESA****REDAÇÃO TEXTO 1**

Como um (a) aluno (a) do Ensino Médio interessado (a) em questões da atualidade, você leu o artigo “A volta de um Rio que faz sonhar”. Sentindo-se desafiado (a) pelos questionamentos levantados no texto, você decidiu escrever uma carta para a Seção do Leitor da revista *Rio Pesquisa*. Em sua carta, discuta a relação estabelecida pela autora entre o conceito de Brasil cordial e a presença de estrangeiros no Brasil, apresentando argumentos em defesa de um ponto de vista sobre a questão.

**A volta de um Rio que faz sonhar**

Reverenciada mundialmente por suas belezas naturais, a cidade do Rio de Janeiro tem se transformado em espaço sonhado para aqueles que buscam construir seu futuro em terra estrangeira. Imigrantes, de origens variadas, vêm chegando à cidade, buscando garantir sua sobrevivência, fugir à pobreza ou transformar seus sonhos em realidade. Esse processo insere-se em um quadro mais geral de transformações. Graças à situação assumida pelo Brasil, como uma das maiores economias do mundo, polo de atração na América do Sul, o país vem se tornando, mais uma vez na história, importante lugar de chegada, em um momento em que políticas de vigilância e controle sobre os estrangeiros aprofundam-se nos países ricos em crise.

Essa nova situação exige estudos que ultrapassem as questões pontuais para incluir análises sobre as relações presente e passado; entre o local, o nacional e o internacional e entre as práticas e as representações sobre o “outro”. O recente episódio da entrada abrupta de haitianos no Brasil, sem dúvida, apontou a necessidade dessas análises ampliadas. Para além da conjugação entre a necessidade de partir e o conhecimento adquirido sobre um país que se tornou “próximo” pela presença das tropas brasileiras em solo haitiano, o processo revestiu-se de preocupantes aspectos de mudança. Dentre eles, a ação dos coiotes na efetivação dos deslocamentos, marca indicativa do ingresso do país em um contexto no qual grupos organizados vivem da imigração ilegal e máfias internacionais enriquecem com o tráfico humano. O episódio pode ser visto, assim, como a ponta de um *iceberg* que tende a envolver a América Latina e o Caribe, considerando-se uma das tendências dos processos migratórios da atualidade: as migrações regionalizadas, realizadas no interior dos subsistemas internacionais.

**Brasil: país cordial?**

A predisposição do Brasil em receber o estrangeiro de braços abertos é ideia consagrada que necessita sofrer o peso da crítica. Pesquisas variadas têm demonstrado que o país nunca foi imune aos processos de discriminação do “outro”. Um exemplo, entre vários, pode ser dado pela prática da expulsão de estrangeiros na Primeira República (1907-1930), que se caracterizou por extrema violência, mesmo contra aqueles que já eram considerados residentes, portanto com os mesmos direitos constitucionais dados aos brasileiros.

A representação de um Brasil cordial, desta forma, deve ser entendida como uma construção forjada em determinado momento de nossa história. Lógico que as reações diferiam e diferem de acordo com os diferentes tipos de estrangeiros com os quais travamos contato, ocorrendo diferenças de tratamento em relação àqueles que, pelo local de nascimento ou pela cor, classificamos como superiores ou inferiores.

Vários indícios vêm demonstrando que as atitudes discriminatórias não ficaram perdidas no passado, mas podem ser encontradas com relativa facilidade, quando treinamos nosso olhar para melhor observar aquilo que nos cerca. As tensões entre brasileiros e bolivianos nos locais onde estes estão mais presentes, por exemplo, já são bastante visíveis. Isso sem falar no triste espetáculo do subemprego e da exploração a que estão sujeitos latino-americanos fixados ilegalmente no país. É urgente, portanto, que nos perguntemos como tendemos a ver e sentir a presença cada vez mais visível de estrangeiros em solo brasileiro, principalmente daqueles que são oriundos de países pobres, muitos deles necessitando do foco dos direitos humanos. Seremos sensíveis aos discursos e às práticas xenófobas? Defenderemos políticas restritivas e repressoras? Caminharemos para a sofisticação dos instrumentos de vigilância sobre um “outro” que possa ser visto como ameaça? Responder a essas questões, aqui e agora, seria um exercício de profecia que não nos cabe fazer. Isso não exclui, entretanto, que a reflexão sobre essas possibilidades esteja proposta, por mais penosa que ela possa ser, principalmente se

considerarmos a rapidez dos processos em curso e a tensão mundial presente no embate entre interesses nacionais e direitos humanos.

(Adaptado de Lená Medeiros de Menezes, A volta de um Rio que faz sonhar. *Rio Pesquisa*, Rio de Janeiro, ano V, nº 20, p. 48-50, set. 2012.)

**Comentário**

O primeiro gênero solicitado pelo vestibular UNICAMP 2017 foi o que comumente chamamos de carta de leitor, texto motivado pela leitura de alguma publicação em determinado veículo de comunicação. Na proposta em voga, solicitou-se, na interlocução, que um leitor, aluno(a) de Ensino Médio interessado(a) em questões da atualidade, sentindo-se desafiado(a) pelos questionamentos – quais sejam: “Seremos sensíveis aos discursos e às práticas xenófobas? Defenderemos políticas restritivas e repressoras? Caminharemos para a sofisticação dos instrumentos de vigilância sobre um “outro” que possa ser visto como ameaça?” – levantados no texto “A volta de um Rio que faz sonhar”, publicado na revista *Rio Pesquisa*, escrevesse uma carta argumentativa para a Seção do Leitor da referida revista, discutindo – delimitando-se, aqui, o propósito da redação – a relação estabelecida pela autora - Lená Medeiros de Menezes – entre o conceito de Brasil cordial e a presença de estrangeiros no Brasil, apresentando argumentos em defesa de um ponto de vista sobre a questão.

A partir da leitura do texto-fonte, o candidato deveria delimitar um ponto de vista autoral acerca da questão suscitada pela proposta, de modo que deixasse claro um bom uso das informações selecionadas. Em breve análise do texto da autora, podemos observar que sua reflexão tem início com apontamentos sobre a cidade do Rio de Janeiro, atrativa de imigrantes estrangeiros em busca da construção de um futuro em terra estrangeira. Para a autora, o Brasil vem se tornando, mais uma vez, terra de chegada de estrangeiros, uma vez que políticas de contenção e controle vêm se mostrando mais rígidas em países ricos em crise. Tal situação atual traz consigo a necessidade de se refletir sobre as consequências de tal processo, por exemplo, a ação de coiotes na facilitação da entrada ilegal de imigrantes no país, episódio que se trata de apenas um aspecto de algo que tende a envolver o Caribe e toda a América Latina.

Em seguida, a autora inicia sua reflexão sobre aquilo que é mais direta e explicitamente o tema sobre o qual o candidato deveria refletir em sua carta: a cordialidade, ou não, do Brasil, no que diz respeito à receptividade a estrangeiros. Apesar da fama de um país cordial, que recebe a todos “de braços abertos”, a autora alerta que o país não é, nem nunca foi, imune aos processos de discriminação do “outro”. Para ela, portanto, a representação do Brasil como um país cordial foi forjada em determinado momento da história. A partir daí, a autora defende que a discriminação ao outro não ficou “no passado”, mas se faz presente em situações contemporâneas, sendo urgente, portanto, uma reflexão acerca da questão. Nesse momento é que os questionamentos que norteiam a proposta são explicitamente apresentados, e espera-se do candidato uma reflexão argumentativa que considere, como a própria autora aponta, a rapidez dos processos migratórios em curso e a tensão mundial entre interesses nacionais e direitos humanos.

**REDAÇÃO TEXTO 2**

Como voluntário (a) da biblioteca Barca dos Livros, você ficou responsável por escrever o texto de apresentação de uma campanha de arrecadação de fundos para a instituição. Em seu texto, que estará disponível no *site* da Barca dos Livros, apresente, com base na notícia abaixo, o histórico e as ações da biblioteca, mostrando a importância das doações para a continuidade do projeto.

**Barca dos Livros corre o risco de fechar por falta de apoio financeiro**

Em 2014, a Barca dos Livros foi eleita a melhor biblioteca comunitária do país pelo Ministério da Cultura e da Educação. Graças ao trabalho de voluntários apaixonados por literatura e que a consideram uma arte fundamental para a infância, a instituição vem há quase uma década formando leitores e promovendo a cultura em Florianópolis. Precisa, no entanto, de um impulso material para que continue existindo. Para chegar ao posto de referência no país, a Barca dos Livros navegou por mares calmos e revoltos. Hoje, nove anos e dois meses depois da inauguração, conta com um precioso acervo de 15 mil livros, dois terços dos quais de literatura infantil e infanto-juvenil, aproximadamente 5 mil carteirinhas de sócios e a incerteza do futuro. Desde maio do ano passado, está com o aluguel atrasado na atual sede, um espaço de 125 m<sup>2</sup> no Lagoa late Clube. “Estamos sem



nenhum patrocínio, convênio, subvenção. Além do aluguel, estamos devendo também o salário de três funcionários. A Barca é tocada por voluntários. Acontece que nunca foi fácil, mas nunca esteve a ponto de quase fechar” – lamenta a coordenadora do projeto, Tânia Piacentini. De 2010 até maio do ano passado, um convênio com a Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes garantia o pagamento do aluguel, no valor de R\$ 6,5 mil por mês. Mas a parceria não foi renovada. “Todas as atividades são gratuitas. Apenas para os passeios de barco com contação de histórias, realizados no segundo sábado de cada mês, é cobrado o valor de 5 reais para adultos que acompanham as crianças. Nosso material, espaço, livros, tudo é renovado graças ao trabalho dos voluntários. Precisamos de parceiros fixos que queiram ajudar”.

#### Acolhimento literário

De 2007 até hoje, os voluntários da Barca viram crianças que engatinhavam lerem as primeiras palavras e depois amarem a leitura. Despertaram a paixão pela ficção, contaram histórias, viram mães com bebês de colo pegando no sono nos confortáveis sofás da sala de leitura, aconchegadas pelo ambiente de acolhimento literário. Nascida em Nova Veneza, sul do Estado, há 68 anos, Tânia Piacentini começou a dar aulas aos 14 anos. cursou Letras e fez mestrado e doutorado na área de educação e literatura. Foi a primeira representante de Santa Catarina, nos anos 1970, a selecionar livros para a Fundação Nacional do Livro Infantil, que a cada ano premia as melhores publicações para crianças e jovens. Duas décadas depois, com o aumento de livros editados para esse público – quando começou, eram no máximo 10 por ano, hoje são cerca de 1.200 novas edições –, passou a convidar pessoas para ajudar a selecioná-los. Daí surgiu um núcleo de 25 leitores e especialistas que formou a Sociedade Amantes da Leitura, ONG que criou e sustenta legalmente a Barca. “Nem sabíamos que ficaria grande. Queremos continuar e aumentar o atendimento. Abrir ao público todos os dias é um sonho. Temos que estar disponíveis e manter a qualidade. Mas sem dívidas pessoais e crises financeiras”, suspira Tânia. Hoje a Barca abre ao público de terça a sábado, das 14 às 20 horas – chegou a ser de terça a domingo, em três turnos. Mesmo com as dificuldades, promove atividades semanais, como A Escola Vai à Barca (que recebe alunos de escolas da rede pública e particular), palestras, saraus para adultos, lançamentos de livros, leituras coletivas de livros e passeios mensais de barco pela Lagoa da Conceição. O cadastro custa 1 real e dá ao pequeno sócio uma carteirinha que permite pegar três obras emprestadas por 15 dias. Mais informações sobre a programação no site da Barca dos Livros.

(Adaptado de Carol Macário, Barca dos Livros corre o risco de fechar por falta de apoio financeiro.

Disponível em: <http://dc.clicrbs.com.br/sc/entretenimento/noticia/2016/04/barca-dos-livros-corre-o-risco-de-fechar-por-falta-de-apoiofinanceiro-5754089.html>. Publicado em 05/04/16.)

#### Comentário

A segunda proposta da UNICAMP 2017 solicitou ao candidato um texto de apresentação de uma campanha de arrecadação de fundos para a manutenção da Biblioteca Barca dos Livros, redigido por um dos voluntários do projeto e que ficará disponível no site da Barca dos Livros. No texto, o candidato deveria apresentar, com base na notícia que serve de texto-fonte à proposta, o histórico e as ações da biblioteca, mostrando a importância das doações para a continuidade do projeto, o qual, segundo a notícia em voga, nunca deixou de enfrentar desafios para sua continuidade, mas também nunca enfrentou dificuldades tão severas quanto as atuais, período em que corre sério risco de deixar de existir.

O texto-fonte traz diversas informações acerca da Barca dos Livros, e o candidato deveria se apropriar daquelas que julgasse mais apropriadas para cumprir os propósitos do texto, quais sejam, apresentar o histórico e as ações da biblioteca, de modo a arrecadar fundos para sua manutenção e mostrar a importância das doações para a continuidade do projeto. Algumas das informações enumeradas a seguir poderiam compor o texto do candidato, segundo o seu projeto de texto:

- A Barca foi criada e hoje é legalmente sustentada pela ONG Sociedade Amantes da Leitura.
- Graças ao trabalho de voluntários, a instituição vem há quase uma década formando leitores e promovendo a cultura em Florianópolis. O material, o espaço, os livros – tudo é renovado graças ao trabalho dos voluntários.
- Atualmente, seu acervo conta com 15 mil livros, dois terços dos quais de literatura infantil e infanto-juvenil.

- Tem aproximadamente 5 mil carteirinhas de sócios, ao custo de 1 real por cadastro, dando direito a pegar três obras emprestadas por 15 dias.

- Quase todas as atividades são gratuitas: promove atividades semanais, como A Escola Vai à Barca (que recebe alunos de escolas da rede pública e particular), palestras, saraus para adultos, lançamentos de livros, leituras coletivas de livros e passeios mensais de barco pela Lagoa da Conceição – apenas para os passeios de barco com contação de histórias é cobrado o valor de 5 reais para adultos que acompanham as crianças.

- Hoje a Barca abre ao público apenas de terça a sábado, das 14 às 20 horas – chegou a ser de terça a domingo, em três turnos.

- Em 2014, a Barca dos Livros foi eleita a melhor biblioteca comunitária do país pelo Ministério da Cultura e da Educação.

- Atualmente, passa por sérias dificuldades financeiras: aluguel atrasado na atual sede, um espaço de 125 m<sup>2</sup> no Lagoa late Clube no valor de R\$ 6,5 mil por mês, e deve o salário de três funcionários. Está sem parceiros fixos que queiram ajudar a manter o trabalho em funcionamento.

#### QUESTÃO 01

Leia a seguir a crônica adaptada “O crítico teatral vai ao casamento”, de Millôr Fernandes.

Como espetáculo, o casamento da Senhorita Lídia Teles de Souza com o Sr. Herval Nogueira foi realmente um dos mais irregulares a que temos assistido nos últimos tempos. A noiva parecia muito nervosa, nervosismo justificado por estar estreando em casamentos (o que não se podia dizer do noivo, que tem muita experiência de altar) de modo que até sua dicção foi prejudicada. O noivo representou o seu papel com firmeza, embora um tanto frio. Disse “sim” ou “aceito” (não ouvimos bem porque a acústica da abadia é péssima). Fora os pequenos senões notados, teremos que chamar a atenção, naturalmente, para o coroinha, que a todo momento coçava a cabeça, completamente indiferente à representação, como se não participasse dela. A música também foi mal escolhida, numa prova de terrível mau-gosto. O fato de a noiva chegar atrasada também deixou altamente impacientes os espectadores, que mostraram evidentes sinais de nervosismo. A sua entrada, porém, foi espetacular, e rendeu-lhe os melhores parabéns ao fim do espetáculo. Lamentamos apenas – e tomamos como um deplorável sinal dos tempos – a qualidade do arroz jogado sobre os noivos.

(Adaptado de Millôr Fernandes, *Trinta anos de mim mesmo*. São Paulo: Circulo do livro, 1972, p. 78.)

a) O cronista recorre à analogia para construir uma aproximação entre o casamento e uma peça teatral. Mostre, com trechos do texto, dois usos desse recurso: um com referência à noiva e outro com referência ao noivo.

b) Identifique duas expressões adverbiais que foram usadas pelo cronista para acentuar sua crítica humorística ao casamento como espetáculo.

#### Resolução

a) A analogia construída por Millôr Fernandes se sustenta ao longo do excerto pela seleção lexical. A escolha de vocábulos que pertencem ao domínio discursivo do teatro começa com a palavra “espetáculo”, acompanhada do conectivo comparativo “Como”. Também vale mencionar a presença do verbo “assistir”, no mesmo primeiro período. Essa estrutura dispara a aproximação imagética abordada na questão, que culmina com a apresentação dos protagonistas na cena de seu matrimônio. Ao descrever o estado de nervos da noiva, o autor recorre a uma locução verbal, cujo verbo principal é “estrear”, recorrente quando se fala da *première* de um ator ou espetáculo ([...]“nervosismo justificado por estar estreando em casamentos”[...]). No caso do noivo, que, diferentemente de sua futura consorte, estava bastante tranquilo, Millôr Fernandes lança mão do verbo representar, típico para designar as ações de atores (“O noivo representou o seu papel com firmeza”[...]).

b) Como se leu no item acima, a escolha vocabular do autor é bastante responsável pela aproximação entre o casamento e uma peça teatral. Além disso, essas opções estilísticas também criam efeitos cômicos ao longo do trecho. O cronista, na maior parte do tempo, faz juízos bastante ruins sobre o objeto de sua narração. Um dos momentos em que o faz, recorrendo a uma expressão de valor adverbial, é no período “A música foi mal escolhida, numa prova de terrível mau-gosto”. Outro exemplo desse recurso, dessa vez empregando uma oração adverbial, está em “Não ouvimos bem

porque a acústica da abadia é péssima". Reforce-se que essas expressões adverbiais funcionam como comentários pejorativos do narrador. Os sentidos depreciativos, no entanto, são evocados pelos adjetivos (terrível, péssima) e substantivo (mau-gosto) integrantes dessas construções.

**QUESTÃO 02**

Leia o texto a seguir e responda às questões.

Os anos correm entre um século e outro, mas os problemas permanecem os mesmos para os kalungas\*. Quilombolas\*\* que há mais de 200 anos encontraram lar entre os muros de pedra da Chapada dos Veadeiros, na região norte do Estado de Goiás, os kalungas ainda vivem com pouca ou quase nenhuma infraestrutura. De todos os abusos sofridos até hoje, um em particular deixa essa comunidade em carne viva: os silenciosos casos de violência sexual contra meninas. Entretanto, passado o afã das denúncias de abuso sexual que figuraram em grandes reportagens da imprensa nacional em abril do ano passado, a comunidade retornou ao seu curso natural. E assim os kalungas continuam a viver no esquecimento, no abandono e, principalmente, no medo. As vítimas não viram seus algozes punidos. O silêncio prevalece e grita alto naquelas que se arriscaram a mostrar suas feridas. O sentimento é o de ter se exposto em vão.

(Adaptado de Jéssica Raphaela e Camila Silva, O silêncio atrás da serra. Revista Azmina. Disponível em <http://azmina.com.br/secao/osilencio-atras-da-serra/>. Acessado em 03/10/ 2016.)

\* Kalungas: habitantes da comunidade do quilombo Kalunga, maior território quilombola do país.  
\*\* Quilombolas: termo atribuído aos "remanescentes de quilombos". Atualmente, há no Brasil cerca de 2.600 comunidades quilombolas certificadas pela Fundação Cultural dos Palmares

- a) Identifique no texto dois motivos para o sofrimento histórico vivido pela comunidade quilombola Kalunga.  
b) No final do texto há uma figura de linguagem conhecida como paradoxo. Quais termos são utilizados para se obter esse efeito de sentido?

**Resolução**

a) Os kalungas, resgatados do esquecimento social apenas pelo "afã das denúncias de abuso sexual" da imprensa brasileira, são, segundo o excerto, vítimas da precarização das bases para sua existência e do alijamento do sistema de serviços públicos ("os kalungas ainda vivem com pouca ou quase nenhuma infraestrutura"). Outro problema, aliás, central para a temática do excerto escolhido para a questão, é o da violência sexual contra meninas, cujos responsáveis persistem impunes, relegando os kalungas a uma vida "no esquecimento, no abandono e, principalmente, no medo".

b) O paradoxo é uma figura que causa estranhamento, como a própria etimologia grega atesta. Nessa língua, essa palavra, composta pelos elementos mórficos *para-*, com o sentido de contrário, *-doxa*, que se poderia traduzir por opinião, significava "aquilo que é estranho, bizarro, contraditório por ser contrário à opinião". Para atingir esse efeito, aproximam-se ideias contrárias num mesmo ente, criando a impressão de impossibilidade, gerando uma imagem irrealizável. O autor escreve "O silêncio prevalece e grita alto". A fim de criar o paradoxo, primeiramente se deve considerar a personificação do substantivo abstrato "silêncio". Uma vez atribuídas características vivas a esse ser, é possível construir a cena proposta no trecho. No entanto, é contrassensual pensar que o silêncio – que é, por definição, a ausência de som – seja a causa de uma emissão sonora vocal volumosa.

**QUESTÃO 03**

Leia o excerto abaixo, adaptado do ensaio *Para que servem as humanidades?*, de Leyla Perrone- Moisés.

As humanidades servem para pensar a finalidade e a qualidade da existência humana, para além do simples alongamento de sua duração ou do bem-estar baseado no consumo. Servem para estudar os problemas de nosso país e do mundo, para humanizar a globalização. Tendo por objeto e objetivo o homem, a capacidade que este tem de entender, de imaginar e de criar, esses estudos servem à vida tanto quanto a pesquisa sobre o genoma. Num mundo informatizado, servem para preservar, de forma articulada, o saber acumulado por nossa cultura e por outras, estilizado no imediatismo

da mídia e das redes. Em tempos de informação excessiva e superficial, servem para produzir conhecimento; para "agregar valor", como se diz no jargão mercadológico. Os cursos de humanidades são um espaço de pensamento livre, de busca desinteressada do saber, de cultivo de valores, sem os quais a própria ideia de universidade perde sentido. Por isso merecem o apoio firme das autoridades universitárias e da sociedade, que eles estudam e à qual servem.

(Adaptado de Leyla Perrone-Moisés, Para que servem as humanidades? *Folha de São Paulo*, São Paulo, 30 jun. 2002, Caderno Mais!.)

- a) As expressões "agregar valor" e "cultivo de valores", embora aparentemente próximas pelo uso da mesma palavra, produzem efeitos de sentido distintos. Explique-os.  
b) Na última oração do texto, são utilizados dois elementos coesivos: "eles" e "à qual". Aponte a que se refere, respectivamente, cada um desses elementos.

**Resolução**

a) No excerto apresentado, a autora constrói uma defesa finalista das humanidades na pós-modernidade. Para essa prova teleológica que justificaria, portanto, a relevância desses estudos, faz-se analogia com outras áreas do conhecimento humano, como a biologia. Outro argumento, em socorro da mesma tese, advém da oposição entre a informação "excessiva e superficial" e o conhecimento, produzido pelas ciências humanas. Nesse sentido, a autora recorre a um trocadilho com a recorrente expressão "agregar valor". Valor, aqui, parece significar, em termos da economia, aquilo que transforma algo em um bem econômico. Já na expressão seguinte, "cultivo de valores", "valores" se refere aos princípios que podem orientar as mais diversas éticas, cada vez mais discutidas no nosso tempo. Ou seja, a própria reflexão sobre os parâmetros que regem o comportamento humano é, segundo a autora, o que justifica as humanidades.

b) O antecedente do pronome "eles" é o sintagma "os cursos de humanidades", que faz parte de uma cadeia referencial. Ele está no período anterior, retomado pelo pronome "os quais" e por uma anáfora zero: "Os cursos de humanidades são um espaço de pensamento livre, de busca desinteressada do saber, de cultivo de valores, sem os quais a própria ideia de universidade perde sentido. Por isso Ø merecem o apoio firme das autoridades universitárias e da sociedade, que eles estudam e à qual servem". Já o referente de "à qual" é a "sociedade", o que se justifica por ser "a qual" um relativo variável presente, em português brasileiro, em textos escritos mais monitorados. Esses pronomes têm seu referente sempre antecedente. Dada a forma feminina e singular, não há um elemento de valor nominal que não "sociedade" para satisfazer a concordância e, conseqüentemente, a progressão textual.

**QUESTÃO 04**

Leia o seguinte trecho do conto "Amor", de Clarice Lispector.

"Então ela viu: o cego mascava chicles... Um homem cego mascava chicles.

Ana ainda teve tempo de pensar por um segundo que os irmãos viriam jantar – o coração batia-lhe violento, espaçado. Inclinada, olhava o cego profundamente, como se olha o que não nos vê. Ele mastigava goma na escuridão. Sem sofrimento, com os olhos abertos. O movimento de mastigação fazia-o parecer sorrir e de repente deixar de sorrir, sorrir e deixar de sorrir – como se ele a tivesse insultado, Ana olhava-o. E quem a visse teria a impressão de uma mulher com ódio."

(Clarice Lispector, *Laços de família*. Rio de Janeiro: Rocco, 2009, p. 21-22.)

- a) Em textos de Clarice Lispector, é comum que um acontecimento banal se transforme em um momento perturbador na vida das personagens. Considerando o contexto do conto "Amor", indique que tipo de inquietações o acontecimento narrado acima acarreta na vida da personagem.  
b) A frase "olhava o cego profundamente, como se olha o que não nos vê" sugere uma maneira pouco comum de olhar para as coisas. Explique o sentido que tem esse olhar profundo, a partir dali, na caracterização da personagem Ana.

**Resolução**

a) A epifania provocada pela visão do cego mascando chicles no ponto do bonde trouxe novamente à Ana a consciência de um mundo do qual ela havia, voluntariamente, se apartado. É como se Ana tivesse, a partir daquela visão, redescoberto o amor ao próximo, que, em sua mente, conviveria então com o amor próprio – e pela sua família – que a protegia. Ana foi retirada de sua "zona de conforto" e



passou a pensar e a questionar, introspectivamente, sobre o mundo à sua volta, que ia muito além do universo familiar ao qual ela estava presa desde que assumiu os papéis a ela impostos pela sociedade. Encarando a fragilidade do cego, Ana encarava também a sua própria fragilidade, a volatilidade de suas escolhas e, sobretudo, a impossibilidade, a partir dali, de permanecer trancada em seu universo.

**b)** Ana é descrita como uma típica mulher de classe média, que assumiu o papel social a ela destinado: mãe de família, dona-de-casa e esposa, sentia-se plena exercendo tal papel, não apresentando, a princípio, maiores questionamentos à sua vida e, tampouco, enfrentando maiores desafios. Ao observar o cego, Ana se entrega à introspecção, fazendo explodir o seu universo particular, cotidiano e corriqueiro, e dando a ela uma visão totalmente diferente do mundo que a cercava. A partir dali, Ana é caracterizada como alguém que expande seus horizontes, e enxerga o mundo de uma forma mais humana e solidária, mas, ao mesmo tempo, como alguém que tem medo de perder o seu alicerce, o seu porto seguro, simbolizado pela família e pelo papel social por ela exercido.

### QUESTÃO 05

Leia com atenção os excertos abaixo de *Lisbela e o prisioneiro*.

“LISBELA: Compre um curió para mim.

DR. NOÊMIO: Não, Lisbela, eu não gosto de ver animais presos.

CITONHO: Por quê, Doutor?

DR. NOÊMIO: Por que isso é malvez. Os animais foram feitos para viver em liberdade.

PARAÍBA: E como que é que o Doutor está me vendo aqui preso e nem se importa?

DR. NOÊMIO: Você é um animal?”

(Osman Lins, *Lisbela e o prisioneiro*. São Paulo: Planeta, 2003, p. 25.)

“DR. NOÊMIO: Lisbela, vamos. Você é minha noiva, não deve opor-se às minhas convicções. As convicções do homem devem ser, *optarum causa*, as de sua esposa ou noiva.”

(*Ibidem*.)

**a)** Nos trechos citados, estão presentes duas atitudes características do Dr. Noêmio com implicações morais, que são desmascaradas pelo efeito cômico do texto. Quais são essas duas atitudes características com implicações morais?

**b)** No segundo excerto, a expressão “minhas convicções” é dita de forma solene e expressa um valor social. Que valor é esse e que tipo de sociedade está sendo caracterizado por tal enunciado?

### Resolução

**a)** No excerto, uma das atitudes características de Dr. Noêmio diz respeito à sua preocupação com os animais – o que, inclusive, faz com que ele opte por ser vegetariano. Porém, ao mesmo tempo em que se coloca como um protetor dos seres vivos e defensor de sua liberdade, pouco se importa com Paraíba, que está preso e é considerado por Dr. Noêmio, mesmo que indiretamente, inferior a um animal. A outra atitude é explicitada quando ele impõe que as suas convicções devem ser, por obrigação, as convicções de sua mulher. O fato expõe um valor social pautado na submissão da mulher às imposições do homem/noivo/marido, valor este que é transgredido por Lisbela que, no final da história, abandona o noivo para fugir com Leléu.

**b)** No excerto apresentado, quando Dr. Noêmio faz referência à obrigação de sua noiva em estar de acordo com as “suas convicções”, ele reproduz um valor moral da sociedade à qual pertencia, pautado no patriarcalismo e no machismo. A mulher, nessa sociedade, tem um papel pré-determinado, segundo o qual ela deve ser mãe, esposa, dona-de-casa. A isso, acrescenta-se a obrigação da mulher em obedecer ao homem que representa uma espécie de superior hierárquico social: primeiro o pai, depois o marido. A fala de Dr. Noêmio corrobora, portanto, esse valor social, no qual está explícita a opressão de gênero e é a fala não de um indivíduo, mas de toda uma sociedade de raízes coloniais e “tradicionais”.

### QUESTÃO 06

Leia o soneto abaixo, de Luís de Camões.

“Enquanto quis Fortuna que tivesse  
esperança de algum contentamento,  
o gosto de um suave pensamento  
me fez que seus efeitos escrevesse.

Porém, temendo Amor que aviso desse  
minha escritura a algum juízo isento,  
escureceu-me o engenho com tormento,  
para que seus enganos não dissesse

Ó vós, que Amor obriga a ser sujeitos  
a diversas vontades! Quando lerdos  
num breve livro casos tão diversos,

verdades puras são, e não defeitos...  
E sabeí que, segundo o amor tiverdes,  
Tereis o entendimento de meus versos!”

(Disponível em <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000164.pdf>.  
Acessado em 02/08/2016.)

**a)** Nos dois quartetos do soneto acima, duas divindades são contrapostas por exercerem um poder sobre o eu lírico. Identifique as duas divindades e explique o poder que elas exercem sobre a experiência amorosa do eu lírico.

**b)** Um soneto é uma composição poética composta de 14 versos. Sua forma é fixa e seus últimos versos encerram o núcleo temático ou a ideia principal do poema. Qual é a ideia formulada nos dois últimos versos desse soneto de Camões, levando-se em consideração o conjunto do poema?

### Resolução

**a)** “Fortuna” e “Amor” são as entidades personificadas como divindades por Camões. A “Fortuna” (Sorte), no primeiro verso do poema, faz referência à sorte sentimental do eu lírico, que pode ser depreendida a partir do vocábulo “contentamento”. A “Fortuna”, na lírica camoniana, quase sempre está ligada à possibilidade de realização ou à realização amorosa efetiva. O “Amor” (Cupido), também personificado como uma divindade, por sua vez, estabelece uma oposição, é uma antítese da “Fortuna” e, portanto, como é frequente na lírica camoniana, coloca-se como algo perturbador, que, a partir do momento em que o amante se afasta do ser amado, é considerado negativo. Nesse caso, é como se o “Amor” tivesse secado a inspiração do eu lírico, “escurecendo o seu engenho com tormentos”, para que ele não revelasse seus enganos. A conjunção adversativa “porém”, que inicia a segunda quadra, é responsável por evidenciar a antítese representada pelas duas divindades.

**b)** A apóstrofe no início do primeiro terceto (“Ó vós”) deixa claro que o soneto é dirigido àqueles que, como o eu lírico, experimentam os efeitos dos sentimentos amorosos, neles impostos pelo “Amor”. A variedade de paixões experimentadas pelos amantes, aos quais o soneto se dirige, é explicitada na expressão “diversas vontades”. A seguir, o eu lírico cita “os diversos” casos de amor que podem estar reunidos em um “breve livro”, fazendo referência direta aos autores que, assim como ele, trataram do sentimento amoroso e dos seus efeitos, dentre eles, sobretudo, Francesco Petrarca. Em tais obras e autores estariam “verdades puras, e não defeitos”. Em suma, os dois tercetos indicam que o conhecimento dos versos do eu lírico será plenamente possível àqueles que, de alguma forma, viveram ou sentiram o amor.

Vale ressaltar que nos sonetos camonianos a palavra “Amor” (com maiúscula) representa a divindade, a entidade que provoca o “amor” (com minúscula), ou seja, o sentimento amoroso.

## Equipe desta resolução

### **Português**

Aislan Camargo Maciera  
Thiago do Nascimento Godoy

### **Digitação**

Jéssica Claro  
Viviane Freitas

### **Revisão e Publicação**

Felipe Eboli Sotorilli  
Vanessa Alberto